

**AS FACETAS *DO NOME DE JESUS* À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO NO  
*ORTO DO ESPOSO* E NA REVISTA *VEJA***

**Ueliton Vagner ROCHA DE ARAUJO JUNIOR**

**UVA**

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte do pressuposto de que a Filologia e a Análise do Discurso são interdisciplinares e se complementam. Tanto é verdade que Foucault (1995, p. 231) ao analisar a história dos diferentes modos pelos quais em nossa cultura os seres humanos tornam-se sujeitos, analisa três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos citando a objetivação do sujeito do discurso na filologia, por isso, utilizar-se-á como corpus o LIVRO I, composto de cinco capítulos, todos intitulados “Do nome de Jesus” da edição crítica do Orto do Esposo, editado por Maler, relacionado à revista *Veja*, edição 1783, ano 35, nº 51 de 25 de dezembro de 2002.

O Orto do Esposo é para Saraiva (1999, p. 31) “colectânea de meditações e narrativas sobre o nome de Jesus”. Já para Moisés (2005, p. 36) “obra dum monge português anônimo, em que ao encômio da vida mística se misturam histórias para distrair, inspiradas em temas greco- latinos e medievais”.

Partindo-se do posicionamento foucaultiano em *O sujeito e o poder*, pretende-se trabalhar como objetivo geral os discursos e o poder respeitando-se os respectivos gêneros e mostrar como esse poder da Igreja se manifesta; e como objetivo específico mostrar o discurso de como o poder pastoral utiliza-se do nome de Jesus nos gêneros já citados para firmar o poder da Igreja e produzindo, assim, um processo de subjetivação.

Essa construção discursiva comparativa dos gêneros se resume no seguinte questionamento:

Faz parte do discurso religioso se apropriar da figura de Jesus Cristo, enquanto sujeito, cujo elemento simbólico de fé expressa poder e moraliza. E isso pode resultar em um processo de subjetivação.

## ABORDAGEM TEÓRICA ASSOCIADA À PRÁTICA

### Gêneros do discurso e poder

Todas as esferas da atividade humana na visão bakhtiniana estão relacionadas com a utilização da língua. Essas esferas efetuam-se em forma de enunciados que reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma e é constituída de:

- Conteúdo (temático);
- Estilo verbal (seleção operada nos recursos da língua: lexical, fraseológico e gramatical);
- Construção composicional.

Os três elementos fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação.

Cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado o que equivale aos gêneros do discurso.

De acordo com Reboul (2000, p. 57) “na Idade Média vai constituir-se uma nova retórica da narração; desliga-se do gênero judiciário, mas insere-se na da pregação, com os exempla, histórias geralmente fictícias que ilustram o tema do sermão”.

Sobre o nome de Jesus na revista *Veja* (2002, p. 90) enquanto título do grego, “o ungido”, essa concepção aparece assim no sermão do capítulo 1 do Orto p.5:

oleo espergido he o teu nome. Ca, asy como o oleo cria e mãtem o lume e cria a carne e abranda a door, bem asy o nome Jhesu he luz e mãnyar e meezinha, ca elle luze quando he pregadoe da mantiimênto a [a] alma quando em elle cuida e abranda-a e hũa-a quando o chama. E porẽ diz meestre Oda que este nome de Jhesu he óleo espargido ênas chagas da jeeraçõ humana, ca a força deste nome Jhesu, que quer dizer saluador, dá saúde a totalas ãfirmidades e a totalas chagas da alma e do corpo...

Atualizado em:

óleo espalhado é o teu nome. Porque assim como o óleo cria e mantém a luz e cria a carne e abrandando a dor, bem assim, o nome de Jesus é manjar e remédio, porque ele reluz quando está pregado e dá manutenção à alma quando o chama. E porem diz mestre Oda que este nome de Jesus é óleo espalhado nas chagas da geração humana, porque a força deste nome Jesus, que quer dizer Salvador, dá saúde a todas as enfermidades e a todas as chagas da alma e do corpo...

Para Nichols (1999, p. 130) comentando a carta V do tarô O Papa, diz que ele

compartilha, de outras maneiras, do arquétipo do **Salvador**, cujo paradigma em nossa cultura é a imagem de Cristo. Como Cristo, o Papa coloca problemas morais, aguçando a percepção humana na área da consciência humana. Entretanto, como **Salvador**, absorve o homem da culpa inerente à sua luta pelo conhecimento do bem e do mal – o antigo pecado que é só “original” em se tratando do homem. (negrito nosso)

Sobre o poder pastoral Foucault (1995, p.238) nos diz:

Podemos observar uma mudança em seu objetivo. Já não se trata mais de uma questão de dirigir o povo - “jeeraçõ humana”- para a sua salvação no outro mundo, mas antes, assegurá-la neste mundo. E neste contexto, a palavra salvação tem diversos significados: saúde, bem-estar, segurança, proteção contra acidentes. Uma série de objetivos “mundanos” surgiu dos objetivos religiosos da pastoral tradicional...

Na Veja, p. 90 edição 1783, ano 35, nº 51 de 25 de dezembro de 2002, diz que

a salvação não é algo a que só o Filho de Deus possa almejar, mas o ideal por que cada ser humano deve se nortear...São tantas as facetas contidas nessa equação que não é de se admirar que Jesus tenha adquirido representações tão diversas ao longo dos séculos – e que elas muitas vezes convivam no tempo, já que a cristandade nunca primou pelo caráter homogêneo. Nos primeiros séculos da Igreja, Jesus era quase sempre representado num trono, com uma esfera que simboliza o mundo nas mãos. Era o chamado *Pantocrator*, a palavra grega para “senhor de todas as coisas”.

Já no capítulo 4 do sermão do Orto: “Senhor uee totalas cousas”. Essa ausência do caráter uno ou homogêneo do sujeito como também questões ligadas à identidade foi desenvolvida por Hall (2002).

Quanto à questão da perda da identidade uma edição mais recente de Veja p. 107 edição 1884, ano 37 n° 50 de 15 de dezembro de 2004, informa que:

No mundo greco-romano, não havia desonra maior do que a morte sem sepultura. Um corpo exposto ao tempo, aos olhares de estranhos, às feras e às aves era um insulto público, e significava também a destruição da identidade – um fim sem epitáfio e portanto sem posteridade, uma preocupação suprema da Antiguidade.

É relevante ressaltar que a questão ligada a destruição da identidade, aspecto este também de interesse da Análise do Discurso propriamente dita, vem sendo tratada mais recentemente pela referida revista.

Ao se tratar da Antiguidade não se pode deixar de citar Sófocles, escritor grego e sua tragédia *Antígona* que nos mostra na literatura essa “destruição da identidade” quando a heroína Antígona infringe a lei terrestre do rei Creonte de proibir o sepultamento de Polinices, irmão de Antígona. Ao tentar sepultar seu irmão, a heroína deve ter tido plena aceitação dos deuses pela sua atitude gloriosa e corajosa, assim, cumpriu uma lei divina.

É a partir da proibição desse sepultamento que iniciou-se toda a trama que a levou à morte por causa da desobediência de Antígona.

Mais uma vez nos diz Nichols (1999, p. 130):

Embora entronizado, como convém à sua estatura, que semelha a de um deus, o Papa também é humano – existe na realidade terrena. Como o Cristo, tem dupla origem: é o representante celeste de Deus – e, todavia, é também um ser humano, o que significa que, se bem a pessoa pertença ao tempo, a essência é imortal. O Papa individual aqui pintado morrerá mas enquanto perdurar a Igreja, terá sempre um sucessor.

Em Veja (2002, p. 90) diz que

A doutrina que foi se cimentando nos primeiros séculos da Igreja ensina que Cristo tem uma dupla natureza: é integralmente divino e integralmente humano. É divino porque é uma das três formas de Deus – a santíssima trindade,

composta por Pai, Filho e Espírito Santo – e, como tal, existe desde antes da Criação. Jesus é assim, Deus encarnado em homem, e por ser o Filho é que seu sacrifício tem poder de redimir toda a humanidade de seus pecados.

Essa dupla natureza de Jesus se corporifica no capítulo 1 do Orto do Esposo:

Iesu Christo he uirtude e sabedorya de **Deus Padre**, e elle som guardados e escondidos todollos thesouros da sciencia e sabedoria, e porem elle he guiador dos olhos de coraçom de qualquer que com temor e amor do **Senhor Deus** husa aficadamête ãnas Sanctas Escripturas. (negrito nosso)

Atualizado em:

Jesus Cristo é virtude e sabedoria de Deus Pai, e nele estão guardados e escondidos todos os tesouros da ciência e sabedoria, assim, ele é guia dos olhos do coração de qualquer um que com temos e amor do Senhor Deus, usa afinadamente as Santas Escrituras.

Uma outra passagem de Veja (2002, p. 90) relata que sob forte influência da filosofia helênica, o que se acentuava aí não era a dimensão humana de Jesus, mas, ao contrário, a sua majestade – a garantia de que o mundo seria regido por uma ordem eterna e superior.

Continuando sobre o poder pastoral relata Foucault (1995, p. 237):

Dizia-se que o cristianismo havia gerado um código de ética fundamentalmente diferente daquele do mundo antigo. Em geral enfatiza-se menos o fato de que ele propôs e ampliou as novas relações de poder no mundo antigo.

Assim, Jesus é a solução de todos os males e problemas o que equivale a instauração do poder da Instituição Igreja. Vejamos como isso se instaura no exemplo do capítulo 1 do Orto: “E asy parece que o nome de Jhesu Christo he luz da ffe catholica”.

Para Foucault (1995, p. 237):

o cristianismo é a única religião a se organizar como uma Igreja. E como tal, postula o princípio de que certos indivíduos podem, por sua qualidade religiosa, servir a outros não como príncipes, magistrados, profetas adivinhos, benfeitores e educadores, mas como pastores.

Esses “pastores” seriam o que em Veja (2002, p. 91):

denomina-se de jesuítas que se consideravam soldados de Jesus e o tinham como um modelo, ético e de vida, do qual todos poderiam se aproximar. Se essa noção parece moderna, não é por acaso. A espiritualidade cristã passava por um momento de **descoberta do eu**, do **sujeito**, e buscava um caminho para incorporá-lo à dimensão religiosa. (negrito nosso)

Retomando Foucault (1999, p. 237) para concluir sobre o poder pastoral que se evidencia nos dois gêneros:

1) É uma forma de poder cujo objetivo final é assegurar a salvação individual no outro mundo.

2) O poder pastoral não é apenas uma forma de poder que comanda; deve também estar preparado para se sacrificar pela vida e pela salvação do rebanho. Portanto, é diferente do poder real que exige um sacrifício de seus súditos para salvar o trono.

3) É uma forma de poder que não cuida apenas da comunidade como um todo, mas de cada indivíduo em particular, durante toda a sua vida.

4) Finalmente, esta forma de poder não pode ser exercida sem o conhecimento da mente das pessoas, sem explorar suas almas, sem fazer-lhes revelar os seus segredos mais íntimos. Implica um saber da consciência e a capacidade de dirigi-la.

Esta forma de poder é orientada para a salvação (por oposição ao poder político). É oblativa (por oposição ao princípio da soberania); é individualizante (por oposição ao poder jurídico); é co-extensiva à vida e constitui seu prolongamento; está ligada à produção da verdade – a verdade do próprio indivíduo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto gênero do discurso em torno do nome de Jesus, no corpus analisado, tanto do *Orto do Esposo* como da revista *Veja*, há uma exploração de um Jesus histórico enfatizando-se aspectos lingüísticos oriundos da etimologia, clássica por natureza - quando refere-se à origem do nome Jesus “o ungido”, como também “Senhor de todas as coisas”. Isto não quer dizer que este exista uma relação obrigatória de intertextualidade propriamente dita, em termos bakhtinianos. São imagens construídas no tempo e no espaço, que contribuem para um processo de

subjetivação, na medida em que são internalizadas pelo leitores, trazendo um determinado poder, quando exploradas pelas instituições, seja a Igreja ou a mídia, esta última impressa em várias edições. Isto vem reafirmar como é concreta a presença da cultura clássica no mundo de hoje, neste caso via medievo, de uma exploração discursiva em torno do nome de Jesus, mesmo em diferentes linguagens (arcaica e moderna) de um Jesus simbólico – produto da fé, que produz poder e moraliza, pertencente ao inconsciente coletivo com ênfase nas chagas e na dor. Assim, essas facetas são complementares por remontar estas expressões de uso comum.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DREYFUS, Hubert L. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MALER, Bertil (ed.). **Orto do Esposo**. Rio de Janeiro, MEC/INL, 1956. 2 v. (v.I: Texto crítico; V.II: Comentários)

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. 33 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô Uma jornada arquetípica**. Trad. Octavio Mendes Cajado 16 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Revista **Veja**, Abril; edição 1783 ,ano 35, nº 51 de 25 de dezembro de 2002.

Revista **Veja**, Abril edição 1884, ano37 nº 50 de 15 de dezembro de 2004.

SARAIVA, António José. **Iniciação à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SÓFOCLES **Antígona** Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Editora América do Sul Ltda, 1998.